



CAILLAT, F. **Foucault contre lui-même**. Paris : INA, 2014. DVD. Durée totale : 2h03. Format Image. Version Originale Française. 2014.

Ideias em imagens de *Foucault contre lui-même*

Ideas in images from *Foucault contre lui-même*

Jocenildo Ribeiro*

Palavras-chave: *História das ideias. Filosofia da linguagem. Análise do discurso. Imageria.*

Keywords: *History of ideas. Philosophy of language. Discourse analysis. Imageria.*

Trinta anos depois de sua precoce morte, acometida pelo suposto *mal do século XX* – a AIDS, Foucault ainda nos presenteia com *sa pensée, sa personne* (VEYNE, 2008): um legado que continuará rendendo uma arqueologia de saberes e reflexões. Em tempos de repensar e fazer pensar *o lugar do homem na sociedade* com Foucault, uma das grandes fontes de inspiração de inúmeros pensadores até hoje, surge em nossas telas um interessante documentário intitulado *Foucault contre lui-même*, dirigido por François Caillat. São 52 minutos de ideias, reflexões, imagens fixas e em movimento, narração em voz-off, testemunhos de especialistas, intercalados a inquietantes fotografias, cenas de Maio de 68, falas do próprio filósofo e um clássico número de Henry Murcell (1659-1695), preenchendo o silêncio dos museus e bibliotecas francesas.

O filme é estruturado em quatro movimentos, respeitando o gênero musical na composição de H. Murcell: *variação sobre o poder; do pensador ao militante; que lugar para o homem e uma vida nas margens, um lugar no centro*, além de um prólogo e um epílogo que amarram os laços da película. O documentário traz como complementos três entrevistas já de domínio público como *Les mots et les choses* (14'), realizada por Perre Dumayet em 1966 na ocasião de publicação da obra homônima; *Marx s'invite au café* (21'), com Clavel e Glucksmann e

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. Defendeu tese intitulada "Arqueologia da imagem na historiografia linguística brasileira: discurso e imageria" nos estudos do discurso e história das ideias e da representação, fundamentando-se nos estudos foucaultianos. Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Linguística, com financiamento da Fapesp. Fez estágio doutoral na Université Sorbonne Nouvelle - Paris III. E-mail: jonuefs@gmail.com

outros intelectuais, de 1977; e *Un tour d'horizon de la pensée Foucault (36')* com André Berten difundido em 1981.

Em quase uma hora de questões provocadoras, problematizadas pelo “filósofo das margens”, ouvimos interessantes depoimentos de vários pensadores. Alguns tiveram a chance de pensar com Foucault ainda vivo, como é o caso do filósofo e sociólogo Didier Eribon, da historiadora Arlete Farge, do filósofo e historiador das Artes Georges Didi-Huberman e do filósofo e crítico de literatura francesa, o americano Léo Bersani, convidado pelo próprio Michel Foucault para uma série de conferências no venerado Collège de France em 1982.

Entre esses estudiosos, figura o jovem sociólogo e filósofo francês Geoffroy de Lagasnerie, que aparece em primeiras cenas falando sobre a escrita foucaultiana como constituinte de sua ação permanente de pensador que buscava ir além de seu tempo, por vezes lutando contra ele mesmo. E o além do tempo dele é este em que vivemos agora quando temos a chance de discutir a atualidade de suas *ideias em palavras e em imagens* e o que elas provocam para compreender o que somos hoje.

A primeira parte do filme começa com a narração em voz-off introduzindo uma breve biografia intelectual do filósofo sob o tema da loucura e da desrazação no ocidente. Como já se sabe, este é um de seus principais objetos de interesse no início de seu percurso, vindo a público em 1961 com a publicação de *Histoire de la folie à l'âge classique*. Embora esse seja o trabalho que inscreva Foucault no cenário intelectual francês de fato inclinando o olhar de pensadores em ciências humanas para objetos “menores”, o filósofo já havia marcado seu interesse pelo tema da loucura por meio da publicação de *Maladie mentale et psychologie*, em 1954. Mas o documentário parte mesmo da obra oriunda de sua tese doutoral.

No filme, a loucura é mencionada enquanto objeto de estudo não como uma questão de saúde mental no olhar do filósofo mas como uma problema que se transformou ao longo dos séculos obedecendo a regras de transformações sujeitas a ordem de discursividades ao longo do tempo. Sensível às transformações pelas quais passava o tratamento dado ao

louco e os modos de sua subjetivação, Foucault analisa a ruptura e os traços de continuidade que seguem tal tratamento procurando compreender os discursos que se instituíram como verdade da época.

Na sequência, o tema da sexualidade é apresentado como uma das primeiras problematizações foucaultianas que ganham corpo a partir de 1976 com a publicação do primeiro volume de *Histoire de la sexualité – la volonté de savoir*. A obra vai evidenciar a questão do poder como dispositivo que intermedeia as relações intersubjetivas, materializando no corpo de homens e mulheres um novo ideal de feminilidade e virilidade. Utensílios ligados ao corpo, bem como vestimentas e objetos que possam valorizar determinadas partes e símbolos da sexualidade, passam a funcionar como elementos que produzem novos sujeitos femininos e masculinos. O poder vai operar através da fala uma *vontade de dizer e saber* fazendo os sujeitos falar sem cessar sobre seus sexos, suas práticas e os desejos mais proibidos.

A segunda sequência do filme traz fortes cenas do movimento de Maio de 68, onde se vê, em meio a fogos e fumaças, o confronto da polícia com os civis, sendo boa parte constituída por estudantes. Entre eles, o então professor de filosofia Foucault é um militante de esquerda que chegara a Paris para apoiar a causa estudantil. Conforme se vê no documentário, meses depois, já na condição de diretor da Faculdade de Filosofia da Université de Vincennes, o filósofo apóia professores e estudantes radicalmente engajados na luta contra a imposição do Estado.

O filme vai afirmar que, a partir de 1970, através da cadeira *Histoire des systèmes de pensée* no Collège de France, Foucault vai se utilizar deste *Panteão do saber e da intelectualidade* francesa para transformá-lo, na medida em que, mesmo dentro dele, subverte suas “regras simbólicas” historicamente percebidas como lugar das ideias privilegiadas e não da militância, da *práxis*.

Desde os primeiros trabalhos de Foucault, a questão do sujeito e sua relação imprescindível com o discurso tornaram-se um problema privilegiado em seu pensamento. Basta acompanhar suas análises à luz da arqueologia a respeito do discurso da clínica, da loucura, da psiquiatria,

da sexualidade ou do sistema prisional, motivados pelos dois primeiros movimentos do documentário. Dentre a diversidade de temas, das contradições e dispersão do arquivo de que trata G. Lagasnerie, e diante das especificidades metodológicas inerentes a cada objeto, não se pode perder de vista a grande questão foucaultiana: o que somos hoje? Mais do que isso, afirma Foucault, é preciso lutar contra as formas de individuação e totalização que se nos impuseram há séculos, dado o regime de poder em suas diversas formas e nas mais distintas práticas de atuação.

A questão que intitula o terceiro movimento do documentário vai nessa direção: entender o lugar e a noção de homem nos sistemas de pensamento e constituição dos saberes. Ela nasce em *Les mots et les choses* (1965) quando Foucault procura entender como se constituem os saberes de uma época e quais são as regras que os tornam legíveis. É bem verdade que o filme não aprofunda essa discussão, mas traça um panorama da obra mostrando como se dá a constituição dos saberes na passagem da idade clássica à moderna.

O que é sintomático da época no pensamento de Foucault é a questão das técnicas de subjetivação refletidas pelo francês como um fenômeno relacionado à identidade do homem ocidental em atuante em sua contemporaneidade. Conforme nos leva a pensar Eribon, a viagem à Grécia e aos Estados Unidos, os movimentos gay e de contra-cultura, bem como os conhecimentos grego-latinos antigos, vão servir de espécie de grande arquivo no interior do qual ele vai desenvolver questões em torno da ideia de *governo de si mesmo*. Nesta problemática se inscreve, portanto, o lugar do homem como um grande problema em seus estudos. Nesse sentido, contrapondo-o à natureza do indivíduo enquanto sujeito biológico e psíquico, o sujeito foucaultiano se fundamenta na história; o sujeito é histórico e, por isso, é passível de transformação política.

Se as manifestações de Maio de 68 em Paris serviram a Michel Foucault como cenário de resistência às injustiças institucionalizadas, palco de militância intelectual e laboratório de suas reflexões filosóficas, não seria diferente em meio a um novo modo de vida na América subversiva dos anos 1980 que ele passava a experimentar quando professor da

Berkelay University na Califórnia. Então convidado do professor americano Leo Bersani na década de 1970, o pensador francês fará dessa experiência um rico momento de suas reflexões filosóficas em torno do sujeito, da sexualidade, dos cuidados de si, da relação de uns com outros, da liberdade, do uso de drogas e da expressão cultural, sobretudo na cidade de São Francisco conhecida como centro da revelação cultural gay americana até hoje.

Nos últimos minutos do documentário, Georges Didi-Huberman traz uma reflexão bem original do trabalho do Foucault sem se preocupar em abordar este ou aquele conceito. O historiador define o trabalho do filósofo como uma espécie de analogia, conceitos e símbolo que levam seu leitor a reconhecer seu tempo, a sociedade de que faz parte e a si mesmo em seus escritos, ainda que muitas vezes Foucault tenha se reportado à história de longas e média durações; ainda que ele tenha falado de outros tempos e outros sujeitos. As ideias do filósofo, nesse sentido, acabam nos servindo de espelho, para onde olhamos e podemos reconhecer a atualidade de seus conceitos e seus objetos de análise na atualidade de nosso tempo, levando-nos a pensar o nosso presente. O filme se encerra com as últimas palavras de Didi-Huberman, dentre as quais aquela de que imagem pode atravessar as fronteiras. Para ele, as imagens, as ideias, a construção do saber, não devem se territorializar; elas precisam romper com seu lugar de origem. E assim fizeram as ideias de Michel Foucault quando romperam os limites tradicionais do Panteão Filosófico que, por muitos anos, funcionou como um panóptico incapaz de escutar as vozes de seu entorno.